

Gorongosa

Golpe

no banditismo

A operação conjunta que forças moçambicanas e zimbabweanas estão a realizar no centro do País, veio, uma vez mais, trazer à luz factos sobre a dimensão da agressão a que tem estado sujeita a Nação.

São provas inequívocas que vão além da estatística do número de acampamentos tomados aos bandidos armados, do número de homens postos fora de combate, ou do material capturado.

A ocupação da «Casa Banana», local que serviu de palco a misteriosos encontros e decisões, trouxe dimensão a esta outra face dos resultados da presente operação militar. Era ali que estava todo o mistério do mil vezes repetido argumento sul-africano da «gorongosa».

Porque era na «gorongosa» que estava a «sede nacional». Era da «gorongosa» donde se dirigiam todas as acções militares. Era na «gorongosa» que se criava a «independência» de qualquer apoio externo. Era uma «gorongosa» quase mitológica, inexpugnável.

Oitenta e cinco pára-quedistas zimbabweanos apoiados pela aviação moçambicana, quebraram, em pouco mais de vinte e quatro horas, aquilo que, afinal, não passava de uma parede de vidro opaco. E, então, vieram ao de cima as verdades.

Não foram somente os óculos do «chefe» que ficaram abandonados no terreno, nem os vestígios das bom-

bas destruidoras que deceparam em segundos grandiosas árvores de preciosa umbila.

Ali ficaram igualmente os documentos. Provas inequívocas. Escritas à mão umas, assinadas outras. Fotografias também, apenas ou não a actas de reuniões que, identificam claramente os seus participantes.

No final das contas, tudo continuava na mesma até ao dia 28 de Agosto deste ano. A tão apregoada «gorongosa» não estava, espiritualmente, em Moçambique. Pelo contrário, continuava bem longe dessa fantástica e bela montanha que guarda o centro de Moçambique.

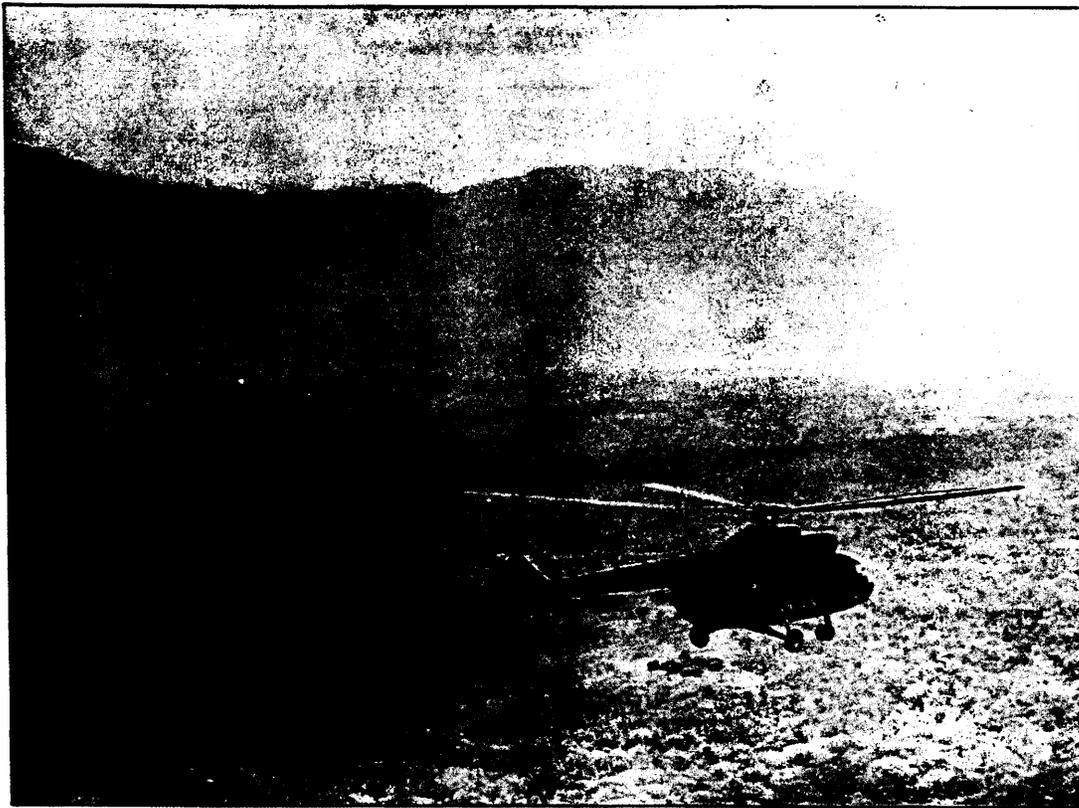
A «gorongosa» propagandeada em Lisboa, está na África do Sul.

Os aviões, os homens, as munições, os rádios continuaram a vir da África do Sul. Depois de Nkomati, depois da Declaração de Pretória, depois do primeiro aniversário do Acordo testemunhado por toda a Comunidade Internacional.

Foi isto, principalmente, o que a ocupação da «Casa Banana» veio de novo provar.

Ali estavam, como pudemos ver, as mensagens de rádio da e para a África do Sul. Como estavam as actas da reunião havida nove dias antes da operação zimbabweano-moçambicana, com a presença do Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Louis Neil.

Mas, desmascarando todo este tea-



Helicóptero presidencial em plena Serra da Gorongoza, a caminho da «Casa Banana»

tro, também ficou abandonado no terreno da «gorongosa», o documento sul-africano que dava instruções claras e precisas sobre o que se deveria fazer militarmente em Moçambique enquanto, por esta altura no ano passado, os governos de Moçambique e África do Sul discutiam as formas de se pôr fim à guerra.

Os segredos ficaram agora expostos.

Com, ou sem conhecimento de Pieter Botha, que assinou o Acordo de Nkomati, os governantes sul-africanos nunca o cumpriram. Nem na letra nem no espírito.

As linhas férreas deveriam ser atacadas, as estradas minadas, as pontes destruídas, as infra-estruturas sociais e económicas paralisadas. Para tudo isso, partiram da África do

Sul para Moçambique técnicos especializados na arte de sabotar e preparar gente.

A mensagem abandonada na «Casa Bananas» é, deste modo, muito clara.

O negócio não é o de se matar elefantes que fornecessem presas grandes para se negociar em Joanesburgo. Bem pelo contrário, continua a ser o de manter Moçambique economicamente paralisado para que o Zimbabwe, a Zâmbia, o Botswana, o Malawi, a Swazilândia, exportem e importem pela África do Sul, mantenham-se dependentes, condicionados.

Só assim a África do Sul poderá recorrer à chantagem de retaliar as medidas que o Presidente americano, ou o Primeiro-Ministro inglês, queiram tomar contra o «apartheid».

ameaçando com a aplicação de sanções contra os mencionados Estados.

É, pois, ainda, um negócio muito sujo.

Algo que se compreende claramente depois de se visitar a «Casa Banana». Por um lado, uma África do Sul comprometida, envolvida, enterrada na desestabilização pela desestabilização. Mas, por outro lado, a prova dada pelo Zimbabwe em encontrar o caminho da Paz e estabilidade, vindo a Moçambique reforçar e consolidar a sua própria Independência.

Alves Gomes